EXPEDIENTE.

—Sentimos não poder acceitar um artigo, que nos mandaram, traduzido do *Magasin Pittoresque*, bem como outro original que o acompanhava. Quanto ao primeiro, só lançamos mão das traducções quando se referem a objectos de maximo interesse publico, e, até neste ponto, somos sempre muito parcos, para que este jornal não perca o caracter de nacionalidade com que sempre se honrou. Ácerca do segundo, parece-nos demasiado longo para o ponto que tracta; e sendo possivel que podessemos vir a concordar no fim a que se dirige, não concordamos na maneira como a opinião do auctor se acha exposta. Agradecemos a lembrança de quem nos remeteu taes artigos, e teremos muita satisfação em receber outros, que não tenhamos o pezar de deixar de acceitar.

—O artigo ácerca da traducção da *Eneida* do Sr. Barreto Feio, será publicado.

Publicações recebidas: —*Collecção de Documentos relativos á construcção da — Ponte do Ribeiro Seco — na Ilha da Madeira, arrematada em 27 de Fevereiro de 1848, perante o Exm.° Sr. Conselheiro Governador Civil no Districto do Funchal, José Silvestre Ribeiro.* Publicada por Servulo Drummond de Menezes, secretario geral do mesmo Governo Civil.

Memorias de um Medico, por Alexandre Dumas, tomo II da 1.ª parte. Vende-se na rua Augusta n.° 8.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Mez de Maio.

Collecção de Documentos, relativos á crise da fome porque passaram as Ilhas da Madeira e Porto Santo, no anno de 1847. Publicada por Servulo Drummond de Menezes, secretario geral do Governo Civil do Funchal.

Revista Popular n.° 27. — Contêm uma estampa representando Cascaes e varios artigos interessantes, entre elles um mui judicioso ácerca do Conservatorio das Artes e Officios. Vende-se na rua Augusta n.° 8.

Compendio da Historia de Portugal, para instrucção da mocidade e uso das eschólas por Luiz Francisco Midosi — segunda edição. — Preço 100 rs. Vende-se na rua Augusta n.° 8.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MELHORAMENTOS AGRICOLAS.

I.

515 Quem livre das influencias politicas examina o estado da nossa terra, alcança a certeza de que os verdadeiros interesses do paiz se conservam, como adormecidos e sem que promovam essa agitação na vida social, que tanto se observa nas outras nações.

Pondo de parte, como inutil, a questão propriamente academica, de saber qual dos ramos da industria convem mais ao paiz, é incontestavel, que por em quanto a agricultura é o nosso unico patrimonio.

Nossos paes deixaram-nos os pergaminhos mais gloriosos que poderiamos desejar, e a terra que haviam comprado com o seu sangue. Praticaram mais as virtudes do que estudaram as altas questões da sociedade. Com o pensamento em Deus e com a alma entregue aos cuidados de transformar a familia na imagem da harmonia celestial, assentaram que nada lhes era mais facil do que fabricar a terra, pois que nesse trabalho até o clima por tantos modos os ajudava.

As phases, porque a civilisação tem passado, obrigam-nos hoje a cuidar no estabelecimento da nossa industria fabril e no desenvolvimento do commercio, que poderoso já out'ora possuimos, mas que se enfraqueceu em demazia, porque sempre assentou em bases falsas.

As questões, que se ligam a estes dois pontos, são para nós de tanto interesse, como as que se referem á agricultura; mas para não confundir os proveitos futuros com a urgente necessidade do presente, é que nós aqui indicaremos só alguns dos meios que podiam apressar mais o incremento dos nossos interesses agricolas.

Mui de proposito dizemos, apressar, porque estamos convencidos, que a nossa agricultura quanto aos methodos e extensão das culturas, alguma coisa já tem melhorado.

Insistimos neste ponto, porque os meios que vamos apontar, apezar de se terem empregado como tentativas, são quanto a nós as causas desses melhoramentos.

Além da parte da legislação geral, que póde ser favoravel á agricultura, de tres meios se póde servir uma nação para se engrandecer, por esse ramo quando é incessantemente auxiliado pela sua posição topographica, e são:

O ensino, comprehendendo a parte theorica e a parte pratica.

Os jornaes ou os livros tractando da exposição das doutrinas e dos processos, ao passo que abram campo á discussão de todos os pontos, que se devem estudar.

As associações consideradas como uma discussão permanente de todos os verdadeiros interesses agricolas e como um conselho certo e valioso, para casos de grave necessidade.

Basta enunciar estes meios, para conhecer que o remedio para o mal de que nos queixamos, não esta só nas mãos do governo.

A administração não póde domar as circumstancias. Nem todos os cataclismos das sociedades são violentos: ha muitos que durante um largo periodo pacifico minam e destroem quanto póde concorrer para a prosperidade publica, até que chegados ao termo começam a ser seguidos por quadras afortunadas.

É para nós ponto de fé, que ha meio seculo andamos a passar por um desses cataclismos, que apezar da serenidade apparente, não deixa de ferir a sociedade nos mais solidos e avantajados interesses.

Ao cabo desta ruina em que uma nação se abysma sem o saber, está o desengano que patentêa a todos os erros passados, e que ensina como por um caminho de ruinas se póde chegar á terra da promissão que tanto se deseja.

Caminhar edificando — eis-aqui o segredo de alcançar este resultado.

Sabemos que nesta parte muita gente sustenta a nossa opinião; mas tambem sabemos, que são mui poucos os que não julgam ainda apartada essa era de desengano.

Ainda quando ficassemos sós na defensa da asserção que vamos fazer, atrevemo-nos a dizer, que tal quadra não só deve andar proxima mas até já começou.

Olhem para as grandes licções que tem havido, lem-

brem-se de tanta experiencia fatal, e digam nos, com o pensamento neste paiz pobre e quasi esquecido no meio da Europa, se não sentem despertar na consciencia um dever, que ahi andava sumido no afadigado labutar das lides politicas! digam-nos, se o bem da patria não principia a ser uma realidade que se começa a devisar ao pé do espectro da fome, e do espectro do crime!

A fé ainda nos resta, para assim pensarmos. O desejo de servirmos o paiz com a manifestação do que pensamos ácerca dos meios, que apontamos, é o cabedal de que sempre nos temos servido, desde que temos a honra de redigir este Jornal, e serão ainda os unicos elementos, que vamos examinar em os artigos, que se vão seguir a esta simples exposição.

RELATORIO DO MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR.

516 Este Ministerio fez publico o estado dos negocios d'aquella importantissima parte da publica administração, n'um bem traçado relatorio dirigido ás Côrtes; — a primeira parte do qual, — sob o titulo de Secção de Marinha, vem transcripta na Folha Official dos principios do mez passado.

É obra propria para absorvêr, em um pelago de meditações illimitadas, todos aquelles, em que o coração de portuguezes se não desnaturalisou ainda, e que não esqueceram pelo desuso, em que hoje estamos, da prática de grandes feitos, os que nossos avós commetteram, n'esses *mares nunca d'antes navegados*, que romperam e transposeram, e n'essas longinquas plagas, até onde levaram a linguagem e o nome portuguez, que assim eternisaram e fizeram acatado em todo o mundo. Apenas tocaremos ao de leve nos mais capitaes pontos d'este excellente documento. Não é que nos faltem considerações, nem sobrada materia e razão para as expendermos; mas porque da mesma abundancia das idéas, que n'este instante se nos suscitam, e como que de tropel nos vem á mente, nasce a difficuldade de as desembaraçarmos, e de as lançarmos aqui de um só jacto.

O Relatorio dá, em primeiro logar, conta do estado das *forças navaes* em completo, e meio armamento, em construcção, fabríco, ou inutilisadas. Desoito vasos de guerra, correios maritimos, ou transportes, com pouco mais de mil praças de guarnição, estão fóra do Téjo em serviço. Dentro do Porto, em varias commissões, dez navios de véla, e quatro vapores, com mil e quatrocentas praças de tripulação. Ha mais vinte e dois vasos de grande e pequeno porte, em concerto, promptos a armar, construindo, e condemnados, por incapazes de servir. Brevemente se ha-de lançar ao mar uma barca de dragagem, que logo depois deve receber a competente machina.

Ainda que as nossas esperanças se devam fundar antes nas construcções de alguns novos vasos, do que nos reparos dos que ora existem, e que pela maior parte estão velhos, e por isso, segundo é commum n'esta idade, sujeitos a miudo a soffrerem avaria, muito é para folgar todavia, que a obra da *limpeza do Dique* do Arsenal da Marinha (auspicioso indicio da resurreição da nossa armada), esteja chegada ao gráu de adiantamento a que só uma outra vez, ha mais de vinte annos, foi levada, pelos esforços do muito nomeado Coronel Raposo. Com effeito acha-se completamente esgotada a dóca, e colocada já uma das portas, de sorte que se póde esperar vêr, dentro em pouco, alli entrar uma das nossas fragatas, e concertar-se perfeita e facilmente. Só quem presenciou o andamento d'este gigantesco trabalho passo a passo, sabe as difficuldades com que se luctou, sobre a cratéra de uma guerra civil, e n'um apertado cêrco de necessidades, quasi sem braços, nem meios para os sustentar, para levar a este ponto uma empreza, diante da magnitude da qual outros recuaram em tempos mais bonançosos; mas que a perseverança de um Ministro, que ainda depois de deixar de o ser, não desamparou o seu posto de Director da obra, só foi capaz de a pôr no caminho de se concluir, em que hoje está.

Tambem não é menor motivo de jubilo para todos quantos estão no caso de serem testimunhas dos *melhoramentos* introdusidos n'esses poucos navios, que ahi temos, o vêr, que as amarras de linho vão sendo substituidas pelas do ferro; — o vasilhame, que tanto empachava as embarcações, e que tão fragil garantia dava da conservação das aguadas nas viagens, foi vantajosamente supprido pelos tanques de ferro, construidos com summa habilidade no nosso Arsenal. No vapor Mindello ha duas boias de salvação, e duas lanchas, cada uma das quaes comporta oitenta homens, e de um feitio novo entre nós. A bomba tambem é de um systema, que ainda ha pouco se adoptou em Inglaterra.

E entre tantas coisas, que dilatam o coração com prazer — d'aquelle intimo e real prazer, que não é amargo no fim, porque só se sente, quando inspirado por uma causa, como esta é, verdadeiramente justa e santa, — não podemos omittir *o brilhante estado interior de acio e luxo, em que se acham todos os nossos navios de guerra*, de sorte que rivalisam, e pódem-se afoutamente pôr a par dos vasos de guerra das primeiras potencias maritimas.

A montagem das machinas a vapor nas novas e magnificas officinas do Arsenal da Marinha, dão-nos boa rasão para crer, que o Estado ha-de brevemente lucrar muito mais com este estabelecimento, não só na perfeição, e rapidez dos trabalhos, mas na execução de inventos maritimos, dos quaes a utilidade é já provada em alguns paizes, e que nos nossos nem conhecidos são. Com a conclusão d'esta obra, e a construcção de uma ponte de pedra, com um apparelho na extremidade, para a collocação dos mastros reaes nos navios, em vez da arruinada ponte de madeira, que ao presente se prolonga em frente do Arsenal, pouco resta a desejar nos melhoramentos d'esta repartição, além de alguma diminuição do pessoal, e da acquisição de alguns mestres das officinas, mais adiantados em sciencia e zelo, do que os actuaes (salvas as excepções devidas ao merito de alguns), e que o diligente, e longamente experimentado, Inspector do Arsenal aproveitará com mais facilidade e felicidade entre os que trabalham em obras particulares, do que nos educados dentro do estabelecimento.

A providencia de *mandar estudar a expensas do Estado, alguns alumnos nas eschólas navaes estrangeiras*, tem já produsido optimos resultados. Cumpre notar, em especial, o Sr. G. N. do Rego, que já se acha encarregado da direcção das construcções no Arsenal; e são tambem dignos de mencionar-se os Srs. Conde de Linhares (D. Rodrigo), Ricardo Bibiano de Moraes, e

J. N. Rodrigues, que todos honraram na eschóla de L'Orient o nome portuguez, com os admiraveis progressos, que fizeram, e pelos quaes mereceram distinctos louvores do director da eschóla, M. Reech, homem abalisado na materia, que professa. Se as esperanças, que a patria põe n'estes mancebos não falharem (como tantos d'este genero tem falhado), elles podem e devem vir a ser os futuros esteios do progresso da nossa construcção naval.

Um resultado não menos para admirar, e de mais não devido a estranha mestria, mas todo ao nosso estudo e talento, são os *trabalhos hydrographicos*, dos tão modestos como illustrados Officiaes da Armada C. M. Batalha, e F. M. Pereira da Silva, empreendidos sob a sabia direcção do Sr. Dr. Folque.

Segundo se vê do Relatorio, a nossa navegação, e o commercio, vão este anno receber um poderoso auxilio, com a publicação do Plano Hydrographico do Porto e Barra d'esta capital, compreendendo a costa adjacente, entre os Cabos da Roca e Espichel, e as margens do Téjo, até uma conveniente altura, e com toda a configuração da costa do mar, e margens do rio, determinação exacta da entrada da Barra, e seus respectivos baixos, etc.

Dado este grande passo avante, no adiantamento do nosso commercio maritimo, e da navegação em geral, falta tão somente colocar as boias, que devem servir de balisas e indicadores dos baixos e bancos da Barra, as quaes sabemos não será preciso mandar vir de fóra, como vieram os apparelhos necessarios para a sua collocação, já em 1846. E não foi este um dos menores serviços, entre os muitos e valiosissimos, que prestou á Repartição o Ministro, que até então a regeu, pelo decurso de perto de quatro annos. Felizmente elle, que nos conhece a nós, que isto dizemos, e a Marinha, que o conhece ainda melhor a elle, sabem muito bem, que isto são verdades, ditas sem lisonja, — porque nem elle precisa, nem nós costumamos sacrificar a esse idolo.

Estão juntas ao relatorio as Propostas de Lei, para a organisação definitiva da Eschóla Naval, — creação do Corpo de Engenheiros Navaes, e conservação, melhoramento, e policia das mattas do Reino. São objectos estes, que se não pódem olhar tão perfunctoriamente, e n'um tão succinto espaço, como o que tomâmos para este brevissimo discurso, ou antes Indice dos mais capitaes pontos do Relatorio do Ministerio da Marinha.

Maio de 1848.

J. M. Campêlo.

MEIO DE CONHECER OS FIOS DE ALGODÃO EM UM TECIDO DE LINHO

517 M. Leykauf propõe — mergulhar-se o tecido, que deve estar bem sêcco, em azeite, depois espremer-se bem para lançar fóra o excesso do azeite.

Os fios de linho tornam-se translucidos, ao passo que os de algodão se conservam brancos. Depois é facil, desfiando o tecido, separar os fios de algodão dos de linho.

MODO DE ENVERNIZAR OBJECTOS DE FERRO FUNDIDO, POR M. CLARK.

(PATENTE INGLEZA.)

518 Antes de se applicar o verniz a qualquer objecto de ferro fundido, deve este ser bem limpo, empregando-se o processo seguinte:

Lance-se em uma porção de agua, acido sulfurico, quanto baste para a tornar sensivelmente acidulada. Mergulha-se o vaso que se quer envernizar n'esta agua, onde se deixa estar tres ou quatro horas. Feito isto, tira-se o vaso, esfrega-se com arêa, lava-se depois muito bem em agua pura, e mette-se dentro de uma caldeira com agua a ferver por espaço de cinco minutos, no fim dos quaes se tira para fóra e limpa-se muito bem. Por este modo acha-se o vaso em estado de receber as duas camadas de verniz, a primeira é para cobrir o metal, e a segunda para dar o esmalte.

A primeira camada é composta do seguinte modo:

Tomam-se 45 kilogrammos de seixos calcinados e bem pulverisados; ajuntam-se lhes 22 de borax tambem em pó; e põe-se tudo em fusão completa. Logo que este mixto se haja resfriado, toma-se d'elle 18 killogrammos, que se mistura com 2 de barro em agua, até tomar uma consistencia tal, que quando se mergulhar, n'este mixto, o objecto, elle venha com uma camada de um millimetro de espessura. Feita esta primeira operação, peneira-se por cima do vaso a segunda composição, para lhe dar o esmalte, o qual se obtem da seguinte maneira:

Tomam-se 56 killogrammos de vidro branco, que não tenha chumbo; 11 ditos de borax; e 9 ditos de soda; tritura-se tudo muito bem, e mistura-se. Funde-se tudo depois; deixa-se esfriar, e reduz-se, por meio da agua, a pó muito fino. Feito isto, tomam-se 20 killogrammos d'este pó; e misturam-se com uma pequenissima parte de sóda em agua quente, tendo o cuidado de os mecher bem. Depois faz-se secar tudo em uma estufa, d'onde resulta um pó impalpavel, que por meio da peneira se deixa cahir sobre o objecto que se quer esmaltar, como se disse acima.

O objecto é depois collocado em uma estufa na temperatura de 100° centigrados, e depois mettido em um forno, similhante ao de que usam os fabricantes de porcelana, elevado a uma temperatura capaz de derreter o verniz. O vaso, ou outro qualquer objecto, deve ser aquecido lentamente antes de entrar para o forno. Quando sahe d'elle deve se deixar esfriar por si.

Journal des Usines.

REMEDIO CONTRA O CARUNCHO.

519 Nas casas humidas os soalhos e as vigas são facilmente atacados pelo caruncho. Para se evitar este mal, não ha mais que lançar entre as vigas e por baixo do soalho uma camada de cal hydraulica bem pulverisada.

O caruncho e a humidade desapparecem inteiramente.

QUADRO SUMMARIO DE TODOS OS MEIOS PROPOSTOS ATÉ 1846, PARA A CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS. *

(Conclusão.)

520

1837. — Granville: Aguas salgadas provenientes das marinhas de sal. Immersão.

1837. — Letellier. Chlorido de mercurio e agua gelatinosa. A madeira é mettida em uma solução de su-

* Vem do n.° 29.

blimado, e coberta com uma camada ligeira de colla bem forte.

1837. — Gotthill. Soluções resinosas como alcatrão e essencia de terebenthina, com uma addição de sal marinho. Immersão de uma a duas horas aquecida até ao gráu 108 a 163 de Reaumur, com ou sem applicação da pressão no vacuo.

1837. — Margary. Soluções de sulfato de ferro ou de verdete. A madeira é bem secca, e depois mettida na solução.

1837. — Sociedade Industrial de Annaberg. Vidro soluvel e acido chlorydrico. A madeira é immergida por espaço de 30 dias no vidro soluvel, e depois mettida em agua temperada com acido chlorhydrico, lavada, secca, e esfregada com um oleo.

1838. — Treffy. Saes decompondo-se mutuamente, como chlorido de estanho ou chlorureto de cobre: — soda ou agua de cal. Immersões alternativas nestes liquidos.

1838. — Burnett. Solução de chlorido de zinco. Immersão de 10 a 20 dias.

1838. — Bethell. Liquidos bituminosos ou contendo créósóta, por exemplo, oleo de alcatrão pyrolignites de ferro desembaraçados do acido ammoniaco. Extracção do ar, e introducção dos liquidos por meio de uma forte pressão.

1838. — Boucherie depois Uzielli. Pyrolignites de ferro, acido pyrolignoso, muriato de cal, sulfato de cobre, chlorydro de mercurio. O liquido deve ser introdusido pela força natural de absorpção da arvore em vida, ou então ser introduzido na arvore cortada estando ainda verde.

1840. — Flesselle. Substancias que se decompoem mutuamente, como vidro soluvel, depois acido sulfurico ou soluções primeiro de alumina, depois de potassa. A madeira é primeiramente submettida ao vapor em um cylindro, depois introduz-se na solução de alumina, ou de outro agente e faz-se ferver por meio do vapor: finalmente decompõe-se a alumina fixada por uma solução de potassa.

1840. — Munzing. Sulfato ou chlorydrato de protoxydo de magnesia, (residuo da fabricação do chlóro). Immersão nesta solução.

1841. — Pons. Solução de azotado de ferro, salitre, alumina e ferro-cyanureto de potassio. Mesma manipulação.

1841. — Payne. Saes que se decomponham mutuamente, como chlorureto de calcium, sulfato de ferro e potassa, alumina e potassa. A madeira é introdusida em parte onde se possa estabelecer o vacuo, e que se enche depois com a primeira solução, que se faz penetrar pela pressão. Em alguns casos, é preciso fazer seccar a madeira completamente no intervallo das duas saturações.

1842. — Timperly. Chlorydro de mercurio. Immersão.

1843. — Parker, depois Passez. Gomma elastica dissolvida em carbureto de enxofre ou de eupione. Unturas, ou impregnações.

1843. — Earle. Solução de sulfato de ferro ou de cobre. Immersão.

1844. — Burkes. Vidro soluvel e sulfato de ferro. A madeira é primeiramente exposta ao vapor, depois impregnada com uma solução de ferro e depois com vidro soluvel.

1845. — Ransome, depois Newton, etc. Solução de silice em lexivia de soda caustica (vidro soluvel) decomposto depois por um acido. Depois de se haver expulso o ar dos póros da madeira, introduz-se pela pressão, o vidro soluvel, e por fim immerge-se a madeira por algum tempo em um acido.

1846. — Venzat e Benner. Solução de sulfato ou chlorydrato de cobre decomposto depois pelo chlorydrato de baryta. Impregnação como no methodo de Payne, de 1841.

1846. — Payne. Soluções de sulfuretos metalicos (de calcium ou de barium decompostos depois por um acido ou um sal metalico (sulfato de ferro, etc.) Extracção do ar pelo vapor de agua, e introducção alternativa por pressão dos liquidos que se devem decompor pelo methodo anterior do mesmo auctor, de modo que deixe na madeira um deposito de enxofre, de sulfureto metalico insoluvel, e de sulfureto de cal.

VERNIZ PARA LIVRAR O FERRO DA FERRUGEM.

521 Misturem-se 80 partes de pó de Tailes com 20 de fezes de oiro, em oleo de linhaça, de modo que formem uma massa espessa, a que se junta essencia de terebinthina.

O ferro deve ser primeiro limpo perfeitamente de toda a ferrugem.

M. Zeni assevéra que o ferro, untado por duas vezes, resiste á acção da agua do mar.

EMPREGO DO GELO NA PREPARAÇÃO DA FARINHA DAS BATATAS.

522 Cosem-se as batatas, cortam-se em fatias delgadas, e faz-se com que ellas se gelem.

Depois de gelados, espremem-se bem, e seccam-se.

Esta substancia secca é facil em pulverisar-se, e conserva-se depois perfeitamente.

CONSERVAÇÃO DOS OVOS NA CHINA.

523 Segundo refere M. Itier, na China conservam os ovos por meio da salga.

Prepara-se uma solução aquosa concentrada de sal marinho, e nella se mettem os ovos, até que vão ao fundo. Estão então penetrados do sal: seccam-se depois, e guardam-se em caixas bem tapadas.

Os ovos assim preparados servem, no consumo, fasendo-os coser bem.

REDUCÇÃO DO SULPHATO DE CHUMBO AO ESTADO DE CHUMBO METALICO.

524 Nas fabricas de chitas produz-se uma grande quantidade de sulphato de chumbo na preparação da alumina, decompondo o acetato de chumbo pela pedra-hume.

Isto foi por muito tempo despresado.

Este sulphato de chumbo é utilisado actualmente para se obter o chumbo metalico, tratando-o com o zinco ou ferro.

Verdade é que esta operação é mui difficil se se emprega o sal marinho, porém, conforme o pensar de MM. Trommsdorf e Hermann, a reacção opéra-se facilmente sob a influencia de certos saes, entre outros do sal marinho.

O processo é o seguinte:

100 partes de sulphato de chumbo são misturadas com 10 partes de sal marinho e agua, de modo que formem uma massa algum tanto liquida.

Junta-se com esta massa pedaços de zinco, ou folhas do mesmo metal, ou antes, cubram-se as folhas do zinco metalico com uma camada do mixto salino n'uma altura de 3 a 4 centimetros (pollegada a pollegada e meia). Dentro em pouco tempo a massa transforma-se em uma materia alvadia, que é chumbo metalico impregnado de sulphato de zinco e de sal marinho.

Lava-se e derrete se esta massa, e obtem-se chumbo mui puro em barras.

Póde-se tambem aproveitar o chumbo, não derretido, para a preparação do alvaiade, ou do acetato de chumbo.

PREPARAÇÃO DA TINTA, DENOMINADA AMARELLO DE NAPOLES.

225 Para a preparação d'esta substancia M. Brunner indica as seguintes proporções:

1 parte de emético (tartrato duplo de antimonio e de potassa.)
2 » de nitrato de chumbo·
4 » de sal marinho bem seco.

Mistura-se tudo bem; e derrete-se depois em um cadinho até á temperatura de vermelho moderado. O producto, que é o antimoniato de chumbo, é pulverisado, e lavado em agua pura para lhe tirar o excesso de sal marinho.

Pode-se tambem calcinar um mixto de partes eguaes de antimonio e de chumbo, redusido a pó fino, com parte e meia de salitre e tres partes de sal do mar. Este processo, apesar de ser dispendioso, não é tão bom como o antecedente.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXIX.

526 Ao passo que estes apontamentos se vão augmentando, gosto de os folhear.

São como uma consolação nascida da propria magoa, que minoram.

Cada hora que me tornam menos extensa, é um beneficio vindo do céu.

O segredo, que me póde levar ao patibulo, ahi fica revelado. Mas estas linhas não farão prova sufficiente, e eu posso passar para o papel todos os padecimentos que me opprimem o coração.

As recordações do passado, as saudades desse tempo que não volta, que não póde voltar, por muitos modos me entristecem.

Lembra-me do que ouvi áquelle negreiro, que esteve comigo na Enfermaria ácerca dos pretos, que depois de feitos escravos, morriam aos centenares só com as saudades do sertão.

Até nos selvagens se admira o amor pela terra em que nasceram, e pelas pessoas com quem sempre viveram!

E esse homem amaldiçoava tão santo affecto!

Varias vezes lhe ouvi dizer: «Escravos da ilha de Santo Antão, e outros que tem a mesma mania, eram a ruina que me cahia em casa: não havia quem os podesse voltar para o lado onde não lhe ficasse a patria em frente, e affligiam-se a ponto de morrerem, sem que fosse possivel atinar-lhe com outra doença, além da que elles chamavam mal do coração.»

Sempre que lhe ouvia contar isto, me recordava do que li nos historiadores da Grecia, ácerca da doença que atacava os gregos em terra estranha, e que só voltando á Grecia se curava. Os que lhe chamaram mal da patria, serviam-se della como prova para a excellencia da sua civilisação.

Enganaram-se. Não é a sciencia dos homens que lhes planta no coração tão elevados sentimentos.

Onde houver essa imagem do poder que tudo creou, onde respira um corpo, animado pelo sopro de Deus, ahi existe o amor da patria, ahi existe o germen da saudade, que tam gigantesca se desenvolve, assim que a solidão nos separa de tudo quanto presamos.

A villa em que nasci, a companhia dos que logo que pude perceber o que se me dizia, ouvi chamar-me filho, a presença d'essa mal fadada, que eu amo com tão extremoso amor, eis-aqui o que é a minha patria!

E que feito é de tudo isto?

O tempo da felicidade parece-me um sonho, do qual apenas é real o muito que padeço!

A cova, onde jaz esse desaventurado Pedro, foi a sepultura das minhas esperanças.

Quando uma mulher anima o amor que se desenvolve nas almas de dois homens, até que se transforme em paixão vehemente, é mister que um morra. É uma fatalidade que a experiencia parece confirmar.

Dir-se-ha, que não cabem no mundo dois corações de que é senhora a mesma mulher.

Havia muito que eu sabia d'aquelles amores, e que fazia altas diligencias para evitar os desgostos que antevia no futuro.

Não pude fazer nada.

A catastrophe foi maior do que eu a imaginei.

* Vem do n.º 29.

Esses dois desgraçados nem já se podiam vêr. Andavam sempre a fugir um do outro.

Pedro nunca levantaria o braço homicida contra o seu rival, se este, no maior desespero, o não obrigasse a defender-se. Ainda assim, bem frouxamente o fez. Parecia que tinha um conhecimento antecipado da lucta imprevista a que foi levado.

E tudo se passou tão rapidamente, como o relampago passa por entre as nuvens.

O assassino, mal que avistou Pedro, carregou a arma, e com voz forte lhe bradou — « Um de nós vae morrer, se te não acertar atirarás depois. »

Pedro ergueu a arma, quando a bala do seu adversario, já lhe varava o coração.

Eu ía fallar, quando um grito, que me veio do fundo d'alma, serviu de precedente a essa scena estranha que eu já descrevi!

E hei-de morrer, estando assim innocente?

Ai! meu Deus, arredai-me do pensamento esta lembrança, que me enlouquece e que mais de uma vez me faz morrer?

A morte na forca é uma coisa, que me torna covarde; quasi doido!

A fé em Deus, que ainda até hoje me não desamparou, parece-me, que já não basta para me erguer a alma do vergonhoso abatimento em que a lança a idéa do supplicio.

Bem digo eu. Margarida é o meu anjo da guarda, é uma dadiva de Deus para que o não renegasse nunca. A sua lembrança que sempre me anda pairando na imaginação veio agora fixar-se bem junto dos meus olhos. Pareceu-me ve-la de joelhos com os olhos cobertos por um véo de pranto, erguer para o céu as mãos e soltar dos labios, que as lagrimas desbotaram, uma supplica fervorosa, que entre soluços chegava ao throno do Eterno.

Esta especie de visão quero toma-la como uma advertencia. Talvez seja verdadeira. Ha-de se-lo por que ella amava-me muito, e muitas vezes me encommendava a Deus!

Não devo... não posso escrever mais. Vou tambem rezar.

(Continúa.)

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA V.

OS MESMOS, O SECRETARIO DOS QUARENTA.

527 **SECRETARIO.**

A Curia envia
Aos pés de Vossa Alteza o seu respeito!

FALIERO.

Seu respeito é profundo: sei. — Julguemos
Da sua rectidão. — Dae-me a sentença.

SECRETARIO.

Tomae, Senhor.
(Dá-lha)

FERNANDO, *a Faliero.*

Tremeis!

FALIERO.

Eu, não: não tremo...
Eu, tremer?..—eu!.. porque?..—Lê tu.—Meus olhos...
Tenho os olhos turvados: — Lê:

FERNANDO, *lendo.*

« Reunido
« O tribunal, unanime decreta
« Que Sténo convencido... »

FALIERO, *atalhando.*

Sei-lhe o crime.
Passa adiante... — O castigo?

FERNANDO.

Um mez recluso
Nos carceres do Estado.

FALIERO.

Que mais?

FERNANDO.

Nada!

FALIERO, *friamente.*

Um mez!

* Vem do n.º 29.

FERNANDO.

Somente um mez por tal delicto!

SECRETARIO, *a Faliero.*

De Vossa Alteza aguardo a assignatura!

FERNANDO, *a Faliero que se aproxima da meza.*

Assignaes??...

FALIERO.

É dever.

FERNANDO.

Pois tal injuria
É por vós approvada!...

FALIERO, *deixando cahir a penna sem assignar.*

Um mez!...
(Ao Secretario, entregando lhe a sentença)
Deixae-nos.

SECRETARIO.

Inda falta, Senhor, o vosso nome.

FALIERO.

Falta?!....—Cuidei já ter...
(Assigna rapidamente)
Sahi!

SCENA VI.

FALIERO, FERNANDO.

FERNANDO.

Tranquillo,
E sem reparo, sanccionaes vós mesmo
Indulgencia tão vil?!

FALIERO, *sorrindo.*

Não vês?

FERNANDO.

Que riso!
Esse riso fatal vingança pede!

FALIERO, *amargamente.*

Nossos nobres Senhores, porventura
Satisfação completa me não deram?
Do crime a expiação não leva acaso
Misturada a ironia?—Quando, á noite
Em caza de um dos Dez, que me festeja,
Os seus emboras receber—o Doge,
O vencedor de Zara, ha-de escutal-os,
Ostentando os favores, que lhe hão feito
E a fama alcançarão de populares!..
Justiça a todos, menos ao monarcha:
Eis a sua egualdade!—Os gondoleiros
Hão-de ámanhã, no porto, em seus descantes,
Alegrar uma estrophe aos meus triumphos
Co'a affronta do meu nome—hão de entoal-a,
E hão-de rir d'esta gloria derradeira!...
(Pauza)
Que tem?!... Rio como elles!...

FERNANDO.

Mais pungente
Mais triste do que os prantos vibra n'alma
Tão tremenda alegria!

FALIERO, *erguendo-se impetuoso e furibundo.*

Onde estão elles!
Os Sarracenos onde estão?—Mostrae-mos
Que me quero a seus pés curvar rendido!
Sobre o altar, ante a imagem de S. Marcos,
Com este proprio braço, que, nos campos,
Já lhes foi tão fatal, quero jurar-lhes,
De joelhos, prostrado, vassalagem!

FERNANDO, *com terror.*

Um Faliero é quem falla!?

FALIERO, *continuando como d'antes.*

O porto forcem,
E as cadêas da barra despedacem
De Genova as galés!—Ferí Veneza
No duro coração dos seus Patricios!
Vinde, vinde—no dedo tincto em sangue
D'um vencedor, d'um Genovez—contente
Vou cingir o annel d'oiro—triste emblema,
Signal vizivel d'um poder, que ultrajam!

FERNANDO.

E o Duque de Veneza faz taes votos!?

FALIERO.

Eu já Duque não sou—sou derradeiro
Entre elles todos—principe interdicto,
Velho demente!—Vês?—Nem lei já tenho:
A lei ou me abandona ou me despreza!

FERNANDO.

Essa lei tinha alçado a rija espada,
Quando ha pouco, Senhor, propuz a minha.
Proponho-a ainda.

FALIERO.

Espera.

FERNANDO.

É já bastante,
É demais.—Castigae!

FALIERO.

De que maneira?

FERNANDO.

Virei contal-a quando o houver punido.

FALIERO.

E que pódes, tu só?

FERNANDO.

Tudo o que póde
Um homem contra outro.

FALIERO.

E contra todos?

FERNANDO.

Fallae baixo — essas iras tormentosas
Vos desvairam talvez.

FALIERO.

Pelo contrario;
Esclarecem-me agora. — Um só culpado
Ao teu braço bastava; mas se os impios
Egual culpa teem todos! — Um! que importa?
Que me fazem seus dias miseraveis?
Vingar-me de tal modo, é não vingar-me!
O offensor nada ousará, ousando tudo;
Riscos não teve. — O seu perdão covarde
Vae colocal o abaixo d'esse crime:
Nem da propria insolencia teve o arrojo!
O insultado era eu só; e a vil sentença,
N'um insulto commum involveu tudo
O sacro tribunal que desacata,
A lei que illude, e o throno que profana!...
Se eu, em fim, me queixar, oh! quantas queixas
Não se hão-de alevantar de toda a parte!
Para ouzar atacar-me, frente a frente,
Teem ha muito ensaiado sobre o humilde
O poder que me opprime — e se elle, ao cabo,
Minhas cans, minha c'rôa calca altivo
É que, de longe, caminhando a furto,
Vem de victima em victima subindo?
Inteiro geme um povo! — Não, ó Doge,
Não és já tu, é elle que defendes
É o Estado, são as leis, é o povo em ferros,
É Veneza, que exclama: — « Doge, ás armas,
Cinge o arnez, veste a malha, toma o ferro,
Surge! — Chama te Deus em prol da patria,
Chama-te a patria a resgatar seus filhos! »

FERNANDO.

Por piedade, Senhor!...

FALIERO.

Opprobrio eterno,
Opprobrio á minha caza, se eu vingança
Não tirar dos seus feros oppressores!...
Por que meios? — Não sei. — Alguns revezes
Tem custado a Veneza largos prantos.
Inda se lembram... — Quero... — Se eu tentasse
Por quebrar seus grilhões... — Mais val... — Eu posso...
Mas... — Não sei... — Desatino!... — Em vão procuro
Nada vejo, e, se vejo, é tudo em sombras.
Mil designios confusos, mil imagens,
A qual mais horrorosa: ao peito, aos olhos,
Afluindo encontradas, negras voam!
O que ha-de ser não sei, sei só que, um dia,
Um plano vingador e triumphante
D'este cahos sahindo, em que o medito,
Do sangue brotará, para tragal-os!

FERNANDO.

Que intentaes, oh! meu Deus!... Temei...

FALIERO.

Ouviste?
Fallei? — Que disse? — Estava perturbado!
(Em voz baixa)
Foi sonho — um sonho horrendo! — O que escutaste,
Essas loucuras, esses vãos projectos
Isso — cumpre...

FERNANDO, *ancioso.*

Dizei!

FALIERO, *grave.*

Cumpre esquecel-os!
(A um official do palacio, que entra)
Que me querem?

(Continúa.)

MISCELLANEA.

528 *João Carlos Bibiena*, italiano, fallecido pelos annos de 1760, foi o architecto do Theatro Regio, em tempo d'El-Rei o Sr. D. José I. (1) Este vasto edificio se queimou no incendio e terremoto de 1755. Egualmente o foi do Theatro Regio d'Ajuda, e o do Paço de Salvaterra dos Magos.

Petronio Manzoni, italiano, foi o architecto do Theatro sito na rua dos Condes, edificado em 1770.

Lourenço da Cunha, portuguez, fallecido em 1760, foi o architecto do Theatro do Bairro Alto, na freguezia das Mercês.

Simão Caetano Nunes, portuguez, fallecido pelos annos de 1795, foi o architecto do Theatro do Salitre, nos annos de 1782.

José da Costa e Silva, portuguez, foi o architecto

(1) Em quanto se preparava o grande Theatro Regio, arranjou *João Berardi*, um Theatrinho na Casa da India, aonde em 1753 se representou o *Heroe Chinez*. No fim da rua nova do Almada, e no sitio chamado outr'ora as *Fangas da farinha*, houve alli antigamente um pateo de *Comedias* contiguo ao palacio dos Srs. Condes de Barbacena, aonde hoje é o ex-convento de *N. S. da Boa Hora*, que pertenceo aos religiosos Agostinhos Descalços.

do Theatro denominado de S. Carlos, para opera italiana, edificado em 1793.

Manoel da Costa, portuguez, foi o architecto do Theatrinho do Bairro Alto, edificado pelos annos de 1812, no pateo chamado do Patriarcha, a S. Roque.

O Theatro denominado de D. Maria II, para declamação, foi edificado em 1842, na Praça de D. Pedro (vulgo Rocio), no local onde foi o palacio dos *Condes de Ourem*, e junto delle o dos Estaes; depois do Conselho Geral do Santo Officio, até 1820. Alli esteve tambem a Camara dos Dignos Pares do Reino em 1826. O referido Theatro é rico em cantaria, porém em tudo mais é defeituoso!

O nosso *Rodrigo Annes de Sá*, Marquez de Abrantes, é celebrado na historia da arte d'architectura, como sabio em varios ramos d'ella, e *Francisco Vieira Lusitano*, que o conheceu perfeitamente diz d'elle:

Pois todas as circumstancias
De singular architecto,
Como então era notorio,
Possuia em grão perfeito.

Estevão Cavalleiro, presbytero, foi o primeiro que escreveo — *Arte de Grammatica* — e a fez imprimir em Lisboa, no anno de 1516.

D. Maximo de Sousa, conego regular de Santo Agostinho, escreveo a — *Arte da Grammatica Latina* — que foi impressa por ordem d'El-Rei o Sr. D. João III, para uso das eschólas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Fr. Manoel Cardoso, religioso carmelita, celebre organista e contrapontista, que houve no seu tempo em Portugal e Castella, compoz cinco livros de varias solfas, de grande soccorro para os musicos, e entre as suas composições é mui celebre a missa, que por mandado do rei de Hispanha compoz engenhosamente sobre as palavras — *Philippus Quartus.* — (O Exm.° Sr. *Conde de Atalaya*, tem uma copia.) Morreo em 1650.

A moeda chamada — *Espadim de cobre prateado* — com o valor de 4 réis, a mandou lavrar El-Rei o Sr. D. João II, na cidade de Béja, e na rua a que ainda chamão da moeda.

Alexandre Gomes, natural da Picanceira, termo da Villa de Mafra, estatuario portuguez, foi quem fez as duas estatuas colossaes, do Téjo e Douro, que ora estão no Passeio Publico, as quaes eram destinadas para o chafariz do Campo de Santa Anna. Pelas estatuas referidas offereceo um lord 12 mil crusados.

O acto de acção de graças a Deus, que se costuma fazer todos os annos, em o ultimo de Dezembro, teve principio no anno de 1718, na Igreja de S. Roque de Lisboa, a instancias do Exm.° Cardeal Patriarcha, D. *Thomaz de Almeida*, a que assistiam as pessoas reaes com todos os grandes da côrte, e se cantava o *Te Deum*; depois do terremoto de 1755 cessou na dita Igreja de S. Roque o referido acto; porque se passou a fazer na Capella Real.

D. Caetano de Santo Antonio, conego regrante de Santo Agostinho, natural de Buarcos, foi admiravel botanico, e compoz a *Pharmacopea Lusitana* com o methodo pratico para preparar os medicamentos.

Duarte Madeira Arraes, fysico-mór d'El-Rei o Sr. D. *Sebastião*, foi excellente filosofo, insigne medico e admiravel cirurgião. A sua nova filosofia das qualidades occultas, que imprimiu em Lisboa no anno de 1650, é applaudida até pelos estranhos menos affeiçoados. (Vide Wanderl in Script. Medic. Anten. de Leão Bibl. Orient.)

El-Rei o Sr. D. *Manoel* alcançou dispensa do Santo Padre *Alexandre IV*, para poderem casar os cavalleiros das ordens militares de Christo e Aviz, o que não foi concedido aos commendadores, que então eram, senão aos que de novo o fossem.

O Tratado dos Viso Reis da India (manuscripto) por Pedro Barreto de Resende, está na Bibliotheca Real de Paris.

Abanicó, é nome portuguez, e alfaia bem usada das mulheres; mas era celebre um, que se conservava no ex-convento de *S. Felisberto* de *Tournus*, e muito mais singular o de *Provila* da ordem dos Prégadores, em França, que serviam de cubrir o presbytero, hostia, e calix, sustentados por diaconos, para evitar cahissem insectos, etc., sobre estes objectos: Hoje só o Santo Padre, e o Em.° Cardeal Patriarcha de Lisboa, usam d'estes abanicos com o nome latino *Flabelum*, mas nunca no tempo do sacrificio.

Martim de Mendonça de Pina, compoz: *Discurso sobre os altares rudes, que se acham em Portugal* chamados Antas, 1743.

El-Rei, o Sr. *D. João II*, impetrou da côrte de Roma, bullas, para que em todas as fortalezas donde houvesse presidios, se dissessem missas quotidianas, em oratorios particulares, e o mesmo nas chancellarias ou conselhos, em que instituiu capellanias para este effeito, com obrigação de que os ministros, antes de entrarem a despacho em seus tribunaes, ouvissem missa todos os dias (no anno de 1834 foi abolido este uso), para que Deus os encaminhasse a fazer justiça ás partes. Vide *Vida y acciones de El Rei Don Juan, Segundo, Decimotercio de Portugal*, pag. 261, por Don Agustin Manuel y Vasconcellos: Madrid 1639.

No anno de 1650, reinando o Sr. Rei *D. João IV*, se traçou uma nova fortificação a Lisboa, recommendando-se a execução da nova planta (em que trabalharam os engenheiros *M. Legarte*, francez, *João Gilot*, hollandez, e *João Cosmander*, jesuita, natural de Bruxellas) á diligencia e actividade de *D. Antonio Luiz de Menezes*, Marquez de Marialva: este a fez erigir com 32 baluartes. Entre os referidos baluartes, denominados, um do *Sacramento*, e outro de *Nossa Senhora do Livramento*, no sitio de Alcantara, se fez a porta principal da cidade, onde vinha (então) desembocar a estrada de Santo Amaro. Ha pouco foi demolida a citada porta.

A estatua que representa *Sileno*, que está na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, na aula de Esculptura, foi achada na excavação da rua de S. Mamede, perto do castello d'esta cidade, no antigo theatro romano, edificado em tempo de Nero.

Na rua Nova da Palma, freguezia do Soccorro, está embebida na parede uma pedra com a inscripção seguinte: *No anno de* 1686. *Sua Magestade ordena que os coches, e seges, e liteiras que vierem da parte de S. Domingos recuem para a mesma parte.*

E na rua direita de S. Thomé, freguezia de S. Thomé, tambem se acha enxerida na parede outra pedra com a lenda seguinte: *No anno de* 1686. *Sua Magestade ordena que os coches e seges e liteiras que vierem*

do Arco de Santo André recuem para a mesma parte.

O nome de *tabaco*, que a planta *Herva Santa* tem, foi o que lhe deram os hispanhoes, derivado de Tabago, pequena ilha do mar do Mexico, aonde elles a acharam pela primeira vez. Este nome prevaleceu. Muito tempo foi chamada *Nicociana*, porque Mr. *Nicot*, embaixador na côrte de Portugal em 1560, vindo a conhecel-a por um negociante flamengo, á appresentou ao Grão-Prior de Lisboa, e na sua volta á França, á rainha *Catharina de Medicis*, o que fez com que lhe chamassem herva do *Grão Prior*, e herva da *Rainha*. Acha-se uma Bulla do Papa *Urbano VIII* em que são excommungados todos os que tomam tabaco nas Egrejas.

O Papa *Gregorio XIII* passou uma Bulla, aos 10 de novembro de 1574, em que concedeu á Duqueza de Bragança, a Sr.ª D. *Joanna de Mendonça*, o poder assistir e ouvir missa com suas filhas nos coros das Religiosas, e nas Capellas móres de todas as Egrejas, e seus filhos na mesma fórma ouvirem missa nas Capellas móres e coros dos Religiosos.

O Sr. Infante D. *Pedro*, Duque de Coimbra, alcançou do Papa *Martinho V*, a Bulla escripta em Roma aos 16 de maio de 1428, para serem os Reis de Portugal ungidos na sua coroação, e os Infantes pódem reger o reino como filhos primogenitos, e haver corôa de rei.

O Santo Padre *Urbano VIII*, concedeu aos cardeaes o tratamento de *eminencia* e *eminentissimos*, em 10 de janeiro de 1630.

Aqui d'Elrei (formula adverbial com que se invoca e implora o favor d'Elrei): no tempo d'Elrei Sr. D. *Duarte*, estando a côrte em Evora, romperam em violencias publicas duas parcialidades poderosas: d'um lado a familia de D. *Alvaro de Abreu*, Bispo da mesma cidade, e seu irmão *João Falcão*: d'outro *Martim Affonso de Mello*, *Vasco Martins de Mello*, e *João de Mello*. Os parciaes de uns e outros chamavam por seus bandos, com o que se prolongavam as desordens. Elles atalhou-as prohibindo-lhes os appellidos.

O Abbade Castro.

AO MEU AMIGO L. A. RIBEIRO DE SÁ.

529 Dos regatos eu vejo as agoas puras,
Que do Téjo accrescentam a corrente;
Tambem do verde bosque as espessuras,
Onde, outr'ora, folguei, moço e contente.
Co'a vella desfraldada, desdenhosa
Vejo o batel, vogando mansamente,
Pois, que, no rio o vento preguiçoso,
Em berço d'anil dorme brandamente.

Eis-me aqui pensativo, e contristado
Do Téjo á beira, á sombra d'um salgueiro,
E sem ventura, pobre, malfadado,
Carpindo, triste, o mal tão verdadeiro.
Nem meus cuidados tem nenhum descanço,
Meu pranto pelas agoas é levado...
Se acaso ao vasto mar os olhos lanço,
Lá o vejo, como eu, sempre agitado.

Nos ellevados negros alcantis
Que descubro nas agoas retratados,
Do lindo sol os lucidos rubis
Perdidos quasi vão já desbotados;
Pois que nas auras leves e subtis
Vôa a tarde em aromas perfumados,
Do florido vergel n'esse matiz
Ás lindas rozas e jasmins tirados.

Tão triste, como o proprio pensamento,
Vem a noite seu manto desdobrando
De estrellas recamado o firmamento
Em luminosos focos scintillando;
Geme a nocturna briza, e seu lamento,
Nas quebradas da serra perpassando,
Perdido pouco a pouco o seu alento
Lá nas ondas acaba murmurando.

Era calada e triste a natureza!
Ouvi de branda lyra os sons mimosos...
Incerto inda escutei, fez-me estranheza...
D'harmonia eram mimos sonorosos,
Que iam as minhas penas abrandando,
Té que meu coração com doce encanto,
Vencendo magoas, conheceu, folgando;
Inspirado cantor, que era o teu canto.

10 d'Abril de 1848.

Aires Pinto de Sousa.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES

DE 7 A 24 DE JUNHO.

Diario do Governo n.º 138.

530 Aviso da Junta do Credito Publico publicando a carta de lei de 19 de maio do corrente sobre a loteria nacional, e diversas providencias sobre o mesmo assumpto.

Dicto n.º 145.

Carta de lei auctorisando o governo, para proceder á extincção, suppressão ou organisação das collegiadas do reino.

Dicto n.º 148.

Portarias á Junta do Credito Publico para que, no principio de cada quartel, envie á secretaria de fazenda, para ser publicado, um mappa demonstrativo do estado de amortisação dos titulos denominados — *azues* — do papel moeda, e dos titulos de divida passiva; bem como outro das notas do Banco que formam o capital de 5:000 contos.

Officio do consulado geral em Gibraltar acompanhando um mappa circumstanciado do movimento commercial entre Gibraltar e os differentes portos de Portugal e seus dominios.

Annuncio da Junta do Credito Publico sobre o ultimo dia da venda, e extracção da loteria nacional.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS.

531 Celebrou-se no presente anno esta solemnidade, prova antiga da devoção dos nossos maiores.

Quanto a nós para se fallar desta grande festividade publica, é mister considerar tres coisas.

Concorrencia do Clero, dos Cavalleiros e Commendadores das differentes Ordens, força e aceio da tropa, e concorrencia dos espectadores.

Abstraindo da ultima circumstancia que até póde depender do tempo, só resta saber se esse acto se deve considerar como uma Procissão ou como uma parada.

O clero, para o seu estado decadente, fez tudo quanto podia para o augmento do esplendor do culto: a tropa estava merecedora de elogio; a concorrencia do publico foi extraordinaria; mas os condecorados, os Commendadores desappareceram, a ponto que talvez por cada cento não comparecesse um. Esta falta de uma disposição antiga, e todos os annos recordada pelo Governo, vae-se consecutivamente patenteando, de modo que para os que devem concorrer, será mais honroso ou acabar com a obrigação, ou fazel-a cumprir rigorosamente, do que para o anno contar-se como coisa rara que ainda a Procissão leva um ou dois Commendadores.

CREANÇA PERDIDA.

532 Muito tarde chegou para nós n'esta semana a quinta feira. Tinhamos um dever para cumprir, e talvez que cada dia que houvesse de demora fosse mais um de magoa para uma familia pobre, que de dentro da sua miseravel pousada pede por caridade, que lhe entreguem um filho, com o mesmo interesse, com que um homem abastado poderia pedir a restituição de um thesouro que houvesse perdido.

Ainda bem que a par de tantos factos aviltantes se póde apresentar uma prova de verdadeiro amor de familia no seguinte, que lêmos em um jornal de annuncios desta capital.

«Perdeu-se uma creança de 7 annos, com os seguintes signaes, cabello loiro, barrete de algodão com riscas de côr, jaleca de ganga azul escuro, colete de chita verde, calça de ganga azul escuro, e descalço, quem o achasse queira ter a caridade (que por caridade vae este annuncio) de o dirigir á estalagem no pateo do Duque.»

SOCIEDADE PARA O MELHORAMENTO DA AGRICULTURA NA IRLANDA.

533 Esta celebre associação acaba de propôr ao concurso uma medalha de oiro para o auctor da melhor instrucção popular sobre os objectos seguintes:

1.° Demonstrar a necessidade das cavas fundas, sobre tudo nas cavas feitas á enxada na pequena cultura, feitas antes do inverno ou no começo delle: para que a terra esteja movel durante as geadas.

2.° Expôr as vantagens do nivellamento do sólo; e do escoamento das aguas: indicar o modo de utilisar as terras disponiveis por meio do nivellamento, antes de as espalhar na superficie do campo nivellado.

3.° Descrever todos os meios simplices e pouco dispendiosos de preparar de inverno estrume vegetal, com todas as substancias que até agora se esperdiçam.

4.° Demonstrar a necessidade de conservar o gado em curraes, como meio de nada perder dos estrumes que elle produz.

5.° Desinvolver as vantagens de bons afolhamentos; e sobre tudo as vantagens da alternação das hervas para forragens entre duas culturas de cereaes.

6.° Tractar em um artigo especial das vantagens das culturas das plantas de prados para forragens.

7.° Demonstrar a importancia da cultura do linho.

ROSSINI.

534 Uma petição assignada pelos principaes professores de musica francezes taes como Auber, Halévy, Adam, Félicien David, etc. foi appresentada ao Maire, de Pariz, na qual lhe pedem que em testimunho ao talento do celebre Rossini, se denomine com o seu nome, o bairro de *Montmartre*: e no caso que isto se não possa effectuar, assim se denomine uma das principaes ruas que vão ter á grande opera.

PRAÇA DE LONDRES.

535 16 DE JUNHO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.					
Do Banco	7 p. %	193	—	Por 100.
Consolidados	3 »	Fechados exdiv.		
Redusidos	3 »	83 5/8	3/4	»
Fundos	3 1/4 »	84 5/8	3/4	»
Exchequer bills		38	43	Premio.
ESTRANGEIROS.				
Belgas	4 1/2 »	Sem cotações.		—
Brasileiros	5 »	67	70	Por 100.
Dinamarquezes	3 »	Sem cotações.		—
Hispanhoes	5 »	12	1/2	»
D.os	3 »	23 3/4	1/4	»
Hollandezes	4 »	63	65	»
D.os	2 1/2 »	42	44	»
Mexicanos	5 »	15 1/4	16	»
Portuguezes	4 »	16	17	»
D.os consolid., 1841	—	16	17	»
D.os divida interna.	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	86	90	»
CAMBIOS.				
Lisboa		52	—	Por 1$000 rs.
Porto		52	—	»
Rio de Janeiro		23	1/2	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam		13	1/2	£
Hamburgo	13	12 3/4	13 1/4	»
Paris	25	50	—	»
Genova	21			»
Trieste / Vienna		Sem cotações.		
Madrid		40	1/4	Pezo.
Cadiz		46 1/2	47	»

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE TROYES.

536 O caminho de ferro de Montereau a Troyes foi inaugurado a 6 de abril na presença de M. Marie, membro do governo provisorio da republica franceza, e do ministro dos trabalhos publicos.

Encontraram-se poucas dificuldades na execução deste caminho de ferro: uma ponte sobre o Yonne e duas sobre o Senna constituem as principaes obras de arte. São notaveis sobre tudo, como todos os trabalhos da linha, por uma grande simplicidade e economia combinada com todas as garantias de força e duração: a despeza total em um comprimento de 102

kilometros (34 leguas proximamente) de via simples, com vias de apartamento nas estações, terrenos, e trabalhos de arte, montou a 20:500$000 francos, ou 200:000 francos (32 contos de réis) por kilometro.

O trajecto de Troyes a Montereau effectuou-se em duas horas.

M. Séguin, o emprezario dos trabalhos, foi felicitado pelo ministro, pela rapida execução daquella via ferrea.

PROVIDENCIAS PROPOSTAS PELO MINISTRO DA FAZENDA, EM FRANÇA PARA DESVANECER O EFFEITO DA CRISE FINANCEIRA.

537 1.ª *Providencia:* — fazer um emprestimo ao Banco de França de 150 milhões de francos a 4 por cento, entregue metade em 1848 e metade em 1849. Para garantia de uma metade, hypothéca as rendas da caixa de amortisação; e para garantia de outra, são hypothéca as mattas do Estado, que o Banco poderá alienar se o entender conveniente.

2.ª — fazer um segundo emprestimo de cem milhões, emittindo inscripções novas pelo valor do mercado.

3.ª — fazer córtes extraordinarios nas mattas do Estado, no valor de 10 milhões este anno, e 15 no proximo.

4.ª — alienar o valor de 100 milhões de mattas do Estado, e outros 100 do dominio da corôa.

5.ª — appropriar-se do rendimento dos caminhos de ferro, que montam a 45 milhões, se se levar a effeito a sua expropriação.

(Moniteur Industriel.)

LOTERIA NACIONAL.

538 A Junta do Credito Publico declarou:

1.º Que o ultimo dia em que na Juncta se venderão bilhetes da Loteria ao publico será em 30 do corrente, como determina a lei, apesar de ser esse dia feriado.

2.º Que a extracção da Loteria principiará, infallivelmente ás nove horas da manhã do dia 5 de Julho proximo, como determina a lei, n'uma das salas da camara municipal de Lisboa, visto não ter a Juncta casa propria com a capacidade precisa, e ter a sobredita camara municipal annuido da melhor vontade á requisição que a Junta lhe fez.

3.º Que a extracção continuará nos dias immediatos successivos, que não forem sanctificados, guardando-se em tudo os preceitos da lei, e ordens de S. M., como se fez publico nos *Diarios* n.os 132 e 138.

OBSERVAÇÕES ÁCERCA DE UM ENTERRAMENTO PREMATURO.

539 Recebemos algumas cartas em referencia ao nosso artigo, em que fallámos nos boatos, que se tinham levantado, por occasião do enterro prematuro de um suisso, com loja de confeitaira, na rua dos Capellistas.

Todas manifestam o desejo de que fossemos mais explicitos na exposição do acontecido. Não o fomos de proposito.

O assumpto é grave, e ainda hoje julgames prudente guardar a devida reserva, ácerca do que sobre o caso nos tem sido communicado.

Lembra-nos com tudo um alvitre, que, na presença do que se tem passado, ainda poderá ou deverá ser aproveitado pelas respectivas auctoridades, e consiste em proceder a um exame no cadaver, para que se possa conhecer se houve ou não envenenamento. O resultado d'este exame póde causar o devido castigo do culpado se se encontrar, ou a justificação de algum innocente, que a opinião publica sacrifica á existencia d'esses boatos.

Sobre o ponto, aliás de interesse, nada mais nos cumpre dizer.

PRAÇA DE LISBOA.

28 DE JUNHO.

540 Fundos publicos de 5 por cento 48 por cento. De 4, 42 por cento. Acções do Banco de Portugal 360$000 rs. Acções das Lezirias 326$000 rs. Acções sobre o fundo de amortisação 55 por cento, e com os 7 ½ de amortisação pagos, 42 por cento. Todos estes preços são em Notas do Banco de Lisboa. — Escriptos para a 6.ª parte dos direitos nas Alfandegas 88 em moeda metalica. Descouto de Notas 52 a 53 por cento.

THEATRO DE D. MARIA II.

541 Não nos consta que se tenham ainda realisado os desejos da Direcção, para poder começar os preparativos, que exige o apparatoso drama, de que já fallámos — O Templo de Salomão.

No entanto tivemos um drama novo — Os Aldeões. — Tem bastante graça e agradou.

Insistimos no que dissemos sobre a necessidade de acudir ao theatro com alguma coisa, por conta do que se lhe deve, para vêr se se póde tirar partido das circumstancias que ao presente o favorecem.

COMMISSÕES CONSULTATIVAS DE AGRICULTURA.

542 M. Moy appresentou á Sociedade Central de Agricultura, do departamento do Senna, um projecto para a creação de commissões consultativas de agricultura.

Haverá em cada departamento uma commissão consultativa de agricultura.

Esta Commissão será composta de tantos membros quantos forem os cantões agricolas, que houver nos departamentos.

Cada cantão agricola elege um membro.

Propoz mais a creação de um conselho superior do agricultura composto de um membro por departamento.

ENSINO PUBLICO.

543 A Commissão, encarregada pelo governo francez, de formular um projecto de lei, sobre o ensino primario, já appresentou os seus trabalhos. Neste projecto estabelece-se o ensino primario GRATUITO e OBRIGATORIO,